

MEIA-NOITE EM PARIS de Woody ALLEN_8 de Março de 2012

sinopse Gil e Inez (Owen Wilson e Rachel McAdams) estão noivos e de visita a Paris. De casamento marcado, eles têm ainda algumas dificuldades em acertar agulhas no que diz respeito à vida em comum. Ele é um argumentista de Hollywood com "síndrome da Idade de Ouro" que sonha viver em Paris e escrever o romance da sua vida seguindo os parâmetros dos grandes escritores da história da literatura. Já ela é uma mulher pragmática que aspira a uma vida estável e luxuosa em Malibu, nos EUA. Uma noite, embriagado pela beleza da cidade (e algum vinho), Gil perde-se na cidade e vive a mais extraordinária experiência da sua vida num encontro com personagens que ele julgava existir apenas nos livros e que o farão reformular toda a sua existência.

Uma comédia romântica que marca o regresso de Woody Allen ao seu registo habitual, e que conta ainda com as participações de Marion Cotillard, Léa Seydoux, Carla Bruni, Michael Sheen, Kurt Fuller, Kathy Bates e Adrien Brody.

ficha técnica

Título original: Midnight in Paris (EUA / Espanha, 2011, 93 min.)

Realização: Woody Allen

Interpretação: Owen Wilson, Kathy Bates, Adrien Brody, Carla Bruni, Marion Cotillard, Rachel McAdams, Michael Sheen

Produção: Letty Aronson, Jaume Roures, Stephen Tenenbaum

Musica: Stephane Wrembel

Fotografia: Johanne Debas, Darius Khondji

Montagem: Alisa Lepselter

Distribuição: Zon Lusomundo

Estreia: 14 de Setembro de 2011

Classificação: M/12



Americanos em Paris

Jorge Mourinha, Público de 15 de Setembro de 2011

“Meia-Noite em Paris” é o melhor filme de Woody Allen em muitos anos (desde “Match Point”) - uma comédia serena sobre a lucidez de dizer adeus às ilusões

De x em x anos, os rumores começam a rodar outra vez que Woody Allen voltou à sua grande forma, a partir de um filme particularmente inspirado - aconteceu entre 1994 e 1996 (“Balas Sobre a Broadway”, “Poderosa Afrodite” e “Toda a Gente Diz que Te Amo” de rajada), depois em 1999 (“Através da Noite”) e 2005 (“Match Point”), apenas para o que vem a seguir decepcionar significativamente. Em 2011, os rumores davam a entender que o novo “Meia-Noite em Paris”, a mais recente paragem na “tournee europeia” iniciada com “Match Point”, era o novo “regresso à grande forma” - tornou-se no seu maior êxito comercial em muitos anos (nos EUA é mesmo em quase 30 anos) e no seu filme melhor recebido desde “Match Point”. E é verdade, “Meia-Noite em Paris” é mesmo o melhor Allen desde “Match Point”. E tal como aquele remetia forçosamente para uma das últimas grandes obras-primas do cineasta (“Crimes e Escapadelas”, 1989), também o novo filme marca um regresso à leveza fantasiosa de “Toda a Gente Diz que Te Amo” dentro de uma narrativa que retoma a premissa melancólica da lendária “Rosa Púrpura do Cairo” (1985).

O tema, não por acaso, é caro a Allen: a nostalgia de uma “idade de ouro” passada, traço que sempre foi recorrente no cinema do nova-iorquino (“O Agente da Broadway”, “Os Dias da Rádio” ou “A Maldição do Escorpião de Jade” são exemplos) ou mesmo nas suas escolhas artísticas (como o jazz pré-II Guerra Mundial que ele continua a tocar todas as segundas-feiras e que compõe, desde há décadas, a exclusiva banda-sonora dos filmes).

Quem conhece os seus textos humorísticos reconhecerá em “Meia-Noite em Paris” referências a alguns deles (e nomeadamente ao “Episódio Kugelmass” onde a Madame Bovary de Flaubert se materializava na Nova Iorque contemporânea) nesta história de um americano em Paris, fascinado pelo passado mítico da cidade, que um táxi mágico transporta até aos anos 1920. É uma aplicação prática da velha máxima “dantes é que era bom”, que Allen confronta engenhosamente com a realidade para provar por A+B que não senhor, dantes era tão bom como os dias de hoje.



O jogo de passados e presentes que o realizador encena com humor, com Gil Pender (Owen Wilson como o mais recente alter-ego Alleniano) a encontrar (e a pedir conselho a) Hemingway, F. Scott Fitzgerald, Dali ou Picasso, é lucidamente resolvido em favor do presente, tornando “Meia-Noite em Paris” numa espécie de “adeus à inocência”, moderando a amargura recente dos últimos filmes com uma serenidade discreta e um optimismo que sugere que, afinal, tudo pode dar certo.

Comparado com a escuridão escarninha de filmes mais recentes como “O Sonho de Cassandra” ou “Vais Conhecer o Homem dos Teus Sonhos”, “Meia-Noite em Paris” é literalmente luminoso - é o filme de um realizador que, de certo modo, acabou de fazer as pazes com o mundo e se concentra naquilo que realmente interessa, com uma elegância e um humor abertos que já não víamos em Allen há uns anitos largos. Pode-se acusar o filme de tombar no cartão-postal do turismo parisiense (e o que é a abertura do filme senão uma versão parisiense de “Manhattan”?) mas essa é também uma parte importante do engenhoso jogo de espelhos que Allen lança, com o postal a funcionar como metáfora das ilusões feitas para serem desfeitas: por trás da imagem há vida e emoção que vão muito para lá da superfície. E se, como se diz a certa altura no filme, o trabalho de um artista é “não sucumbir ao desespero”, Allen, por uma vez, recusou-se a fazê-lo. E sim, o resultado é o seu melhor filme desde “Match Point”.